

# A Surpresa do Yom Kippur

Capitão

Y. Le CHATELIER

Tradução da revista "Forces Armées Françaises",  
número de maio de 1974, pelo Cel Eng QEMA  
MARIO MANOEL SCHLEMM RAMOS

No sábado, 6 de outubro de 1973, décimo primeiro Dia do Ramadam árabe e Dia do Kippur judeu, às 14 horas, as forças egípcias e sírias atacam maciça e simultaneamente as fronteiras norte e sul de Israel.

No Golan, ao norte, o ataque é lançado sobre duas direções, de um lado e de outro de Kuneltra; por uma DI reforçada de um lado e uma DI mais uma DB de outro lado; o posto israelita do Monte Hermon (Djebel Cheikh) é tomado de assalto por um destacamento transportado em helicóptero. Desde o início do engajamento, reduzidos elementos israelenses balizam as forças sírias e só conseguem retardá-las em fim de jornada com o concurso de importante apoio aéreo.

No Canal de Suez, ao sul, desencadeia-se, às 14 horas, uma transposição minuciosamente preparada. Face a menos de dois mil israelitas, repartidos entre os postos avançados de obser-

vação e os "bunkers" da linha "Baar Leev", muitos dos quais não puderam ser alertados, tomam pé sobre a margem oriental, após uma poderosa preparação de Artilharia, os primeiros elementos da 5ª DI e 2ª DB.

As reações ofensivas israelitas, conduzidas por Brigadas Blindadas, em reserva, no Sinai, e pela aviação, não conseguem impedir a criação de duas cabeças de ponte já na primeira noite. Após 48 horas, 100.000 homens e mais de 1.000 carros estão repartidos entre 5 cabeças de ponte alimentadas por dez passagens contínuas.

Os resultados obtidos pelas forças sírio-egípcias, após os dois primeiros dias do conflito, provam — mesmo que por momentos acreditemos numa atitude maquiavélica de Israel — que as armas israelitas foram vítimas da surpresa — Surpresa que foi habilmente procurada pelos árabes e que só produziu plenos efeitos graças a um erro

de avaliação por Israel. Erro, ligado à excessiva confiança em si, conduziu Israel a jogar um impasse, cujo efeito desfavorável marcou, ao menos, a primeira fase da guerra.

Dentro desta perspectiva, será interessante examinar sucessivamente:

- a procura paciente e astuta pelos árabes das condições de uma surpresa;
- os fatos, que no interior do Estado hebreu, conferiram a esta surpresa sua plena eficácia;
- as conseqüências, enfim, da surpresa no desenvolvimento e características de conflito.

A busca da surpresa.

A análise da guerra dos seis dias, feita pelos árabes, realçou a necessidade deles serem os beneficiários da surpresa em qualquer empreendimento militar visando Israel, pois não haveria qualquer esperança razoável de sucesso face a um Israel mobilizado.

Além disso, a opinião pública árabe exigia uma iniciativa militar brilhante que só poderia ser obtida através da surpresa.

Ora, elementos favoráveis existiam em estado latente. Em primeiro lugar, a permanente excitação e inflação verbal que mascaravam a realidade das intenções e, aos olhos dos judeus, diminuíam a credibilidade de uma ameaça árabe.

É necessário render homenagem ao presidente egípcio Sadat pela arte consumada que utilizou para criar e reforçar o efeito da surpresa, uma combinação sutil de blefe e simulação.

Enfim, é fundamental recordar que os árabes, notadamente o Egito e a Síria, dispunham desde o tempo de paz de Exércitos imponentes, emassados sobre as fronteiras, alimentados por um serviço militar de longa duração. Uma verdadeira mobilização e uma concentração, por estas razões, são reduzidas e por isso mesmo dificilmente percebidas. Israel, ao contrário, deve recorrer a mobilização extensa para colocar sobretudo sua força terrestre, em pé de guerra, que se compõe de 65% de reservistas.

Mas a surpresa também foi procurada, ativamente, através do segredo da decisão política. É provável que a decisão de atacar Israel foi tomada no Cairo, em setembro, no decurso de uma reunião de cúpula. Contudo, é significativo constatar que dos dirigentes árabes só o Presidente Sadat e o presidente sírio Assad estavam a par das condições precisas para o desencadeamento das hostilidades.

O dia foi escolhido para obter — ao menos para os árabes — um efeito máximo de surpresa. O Yom Kippur é um dia de recolhimento e meditação, no qual os judeus praticantes, mas também aqueles, numerosos, que respeitam a prática religiosa, se isolam em suas casas, sem rádio

e observam depois da vigília da noite um jejum completo. A difusão de um alerta de mobilização, num dia assim, parecia incerto.

O mesmo com a hora-H — após o meio-dia — concorria para o resultado buscado.

Com efeito, em geral, ataca-se com o nascer do dia, e, passadas as primeiras horas, um ataque parece menos provável — O estado de tensão diminui. No mais, o espaço de tempo disponível entre a hora-H e a chegada da noite é muito reduzido para permitir uma reação de envergadura, mesmo por parte da aeronáutica.

Enfim, na disposição dos meios militares os árabes deram prova de grandes precauções que foram, da camuflagem à simulação.

Construção de uma vasta baragem de areia formando uma cortina sobre a margem ocidental do canal, entrada em posição à noite, como também movimentos com faróis acesos dando a impressão de manobras.

A despeito de todos estes esforços, os preparativos de guerra foram percebidos pelos israelitas. Os indícios significativos foram numerosos e quase todos assinalados corretamente, multiplicação de exercícios e manobras, passagem sistemática das unidades egípcias pela escola de transposição de Fayoum, a sudeste do Cairo, convocação de reservistas a 2 de outubro, reunião de meios

de travessia a 4 de outubro no canal, movimentos de colunas blindadas em Golan na noite de 5 para 6.

Israel tinha, pois, conhecimento da maioria dos indícios suficientes para concluir a iminência de um ataque. Se, portanto, e os fatos parecem comprovar, o governo israelita se deixou surpreender, deixando de desencadear a mobilização, é no âmago do Estado hebreu que devemos procurar as causas.

#### O Impasse de Israel.

A surpresa de que foi vítima Israel só foi possível devido a uma série de erros de avaliação de ordem militar e sobretudo política, nutridos numa excessiva confiança em seu próprio poderio.

Muito embora tenha detectado corretamente todos os indícios de ataque, o exército israelense os avaliou mal.

A busca de informes, no conjunto, foi feita em boas condições, Israel realizou corretamente uma estimativa global do potencial sírio-egípcio.

Por outro lado, o armamento novo era conhecido e muitos deles já citados e descritos nos manuais em uso pelas Forças Armadas.

Mas a avaliação das possibilidades árabes foi subestimada pelas autoridades responsáveis. Quantitativamente a densidade das posições dos SAM e a importância da dotação das armas

anticarro da infantaria foram mal apreciadas. Qualitativamente, o exército israelense não situou em seu justo valor a eficácia das armas cujo emprego seria provável, nem tão pouco a qualidade da instrução ministrada pelos conselheiros soviéticos. A disciplina e a combatividade das tropas foi uma revelação.

Esta subavaliação, sem dúvida, foi imputada ao Serviço de Informação, um dos raros Serviços entre as Forças Armadas, cuja organização da busca e exploração são estreitamente centralizados num organismo único. Alguns autores israelenses têm emitido a opinião que uma organização diferente, repousando sobre vários Serviços concorrentes, teria permitido uma melhor informação do Exército e dos órgãos governamentais.

Seja como for, na 6.<sup>a</sup>-feira, 5 de outubro, às 14 horas — 24 horas antes do desencadeamento do ataque — nenhuma autoridade militar ou governamental israelita acredita na eventualidade desta ação, segundo o General Baar Leev, antigo chefe do EM e ministro do governo de Israel.

A chamada dos dispensados, só teve lugar, a 5, cerca das 18 horas, e a solicitação de mobilização, parece que só foi claramente expressa pelo Exército na manhã de 6 de outubro pelas 10 horas. Mesmo logo definido, o alerta já era muito tarde. Em nenhum momento o Serviço de Informação pode prever a data ou a hora do início do ataque

pois os preparativos militares egípcios foram interpretados como uma retomada de controle pelo Exército, após suposta tentativa de golpe.

Mais ainda, numa confiança exagerada no poderio e no valor dissuasivo de seu Exército é que Israel deve seu infortúnio. Após a guerra dos seis dias, aos olhos israelenses, o poderio de seu aparelho militar parecia constituir uma cortina dissuasora eficaz que repousava nos seguintes fatores:

- sistema de mobilização perfeitamente conhecido e constantemente testado;
- uma aviação quase independente de mobilização, em condições de intervir rapidamente sobre toda a extensão do país com uma eficácia terrível;
- o terreno conquistado em 1967, cujo valor como espaço de manobra para retardamento parecia inconteste.

Israel se acreditava, pois, em estado de segurança, porque dispunha de tempo e do espaço necessários para cair em guarda e mobilizar.

É verdade que a mobilização funcionou perfeitamente, mesmo neste dia difícil. O alerta foi difundido por todos os meios possíveis, o elemento favorável sendo, justamente a presença de todos em suas casas e a liberdade de circulação em todos os itinerários.

É interessante assinalar que a tentativa árabe de paralisar Israel no dia do Kippur parcialmente falhou. Os israelenses seriam mais atingidos num ataque que se desencadeasse a 27 de setembro de 1973, dia do Rosh Haclana, o Ano Novo Judaico. Com efeito, nesse ano, esta festa caindo numa 5ª-feira, mais de um milhão de israelenses estavam nas estradas para um fim de semana de 4 dias.

A despeito das condições favoráveis, a mobilização do Kippur desencadeou-se tardiamente. O primeiro choque foi suportado por tropas muito inferiores em número (um contra sete), equipagens reunidas às pressas muitas vezes nem mesmo alertadas. Destacamentos foram surpreendidos por obuses egípcios numa partida de futebol e outros em atividades de folga. Esta primeira fase, durante a qual certas unidades foram engajadas em condições perigosas para permitir a mobilização da maioria, pesará terrivelmente na hora do balanço.

A aviação propôs, desde às 10 horas do dia 6, um ataque aéreo preventivo nas duas frentes. A proposição foi recusada pelo governo. Às 14 horas, quando foi liberada pelo desencadeamento da dupla ofensiva sírio-egípcia, a aviação tática pode intervir, sobretudo, em Golan, mas não dispunha mais das condições necessárias a uma ação de envergadura sobre o canal.

A aviação de interceptação israelense pouco se manifestou, aguardando, talvez, uma intervenção inimiga que não se deu. Os aliados árabes, lembrando-se das suas desventuras em 1967, tinham localizado grande parte de suas unidades aéreas, distante, a retaguarda, no território dos países amigos, fator que deveria ter sido um indicio de grande valor para os israelitas.

Em resumo, foi sobretudo a atitude defensiva do Exército, mas acima de tudo do Estado hebreu que permitiu a surpresa.

Parece que o governo de Golda Meir foi reticente com os avisos de alarme dados pelo EM, se é que eles foram suficientemente poderosos.

Em todo o caso, não só a guerra lhes parecia pouco provável, como inoportuna a colocação da Nação em alerta. Tratava-se de, em caso algum, aparentar o agressor, as lições políticas do conflito de 67 estando presente nos espíritos, mas também, não chocar a opinião no plano interno.

Para Israel, mobilizar significa transferir para as Forças Armadas, principalmente o Exército, uma grande parte da população ativa do país. Convém, pois, mobilizar com segurança, conduzindo o andor com precaução. A esse respeito, o dia do Kippur, por motivos políticos e religiosos era um dia pouco conveniente.

Uma mobilização que caísse no vazio, em dia de Kippur, constituir-se-ia um erro político grave tendo em vista as próximas eleições legislativas. Assim é que tendo em mãos as provas de uma ameaça de guerra eminente, o Estado hebreu parece ter preferido um impasse e correr um risco considerável, baseado numa avaliação errônea dos meios e possibilidades do adversário, como também no valor dissuasivo das próprias armas.

As conseqüências da surpresa.

Esta surpresa feriu Israel, assim como todo o Ocidente. E Israel na sua essência quem vai suportar as conseqüências, isto no plano militar e moral não falando do plano político.

O que Aba Eban, na tribuna da ONU, qualificou de "Pearl Harbour Israelense", para as Forças Armadas comportou conseqüências muito graves no domínio militar. Com efeito, o terreno rapidamente conquistado em 48 horas pelos Exércitos sírios e egípcios, custou numerosas vidas humanas, seja para tentar defendê-lo, seja na tentativa de reconquistá-lo.

Vidas humanas, tripulações, equipagens de blindados ou de aviões que repercutem seriamente sobre a pequena Israel que conta tão somente com 2,6 milhões de habitantes, muito mais do que as repercussões das perdas dos aliados árabes que dispõem de importante reservatório de combatentes.

No plano estratégico, a iniciativa árabe determinará de improviso a conduta das operações de parte de Israel. O primeiro objetivo será conter a invasão, após repelir e isto inicialmente ao Norte, no Golan, mais próximo da parte vital do país e, portanto, mais ameaçadora, em seguida no Sul, na zona do Canal de Suez. Somente depois do perigo ter sido conjurado e retomada a iniciativa é que Israel poderá passar para o ataque e usar aquela estratégia agressiva e original tão bem sucedida em 1967. Portanto, após avallada a amplitude da surpresa e suas conseqüências militares, Israel pode tomar conhecimento e anunciar que, em absoluto, não se tratará de uma guerra de seis dias, mas, ao contrário, de uma guerra longa ao menos para uma Força Armada acosumada às intervenções relâmpagos.

Mais ainda que no plano militar é no moral que a iniciativa árabe vai marcar profundamente os beligerantes.

De parte dos israelenses deflagrou-se uma verdadeira crise de confiança no país, colocando em dúvida a aptidão nos seus chefes políticos e militares. O governo é criticado publicamente, os fundamentos das suas decisões são colocados em dúvida.

Os antigos heróis da guerra dos seis dias, que, conforme a prática israelense, tinham deixado a ativa e se encaminhado para uma nova carreira na economia ou na administração, são

chamados precipitadamente de volta e colocados ao lado de seus antigos subordinados para secundá-los e dublá-los.

Esta profunda amargura, fruto de um infortúnio que não se pensa dissimular, afetará até mesmo a vitória obtida no terreno. No espírito dos hebreus, a vitória de Kippur não é mais que uma meia-vitória militar obtida a um preço muito elevado.

Do lado árabe, ao contrário, a exaltação provocada pelas primeiras 48 horas de reconquista terá efeitos profundamente benéficos. Galvanizará os combatentes dando-lhes uma confian-

ça em si mesmo e jamais imaginados pelos israelenses. Aos chefes militares e políticos da coalizão árabe, esta surpresa bem sucedida lhes dará coesão e a segurança advindas da honra reconquistada.

Desta forma, Israel não acreditou no ataque árabe, tentou um impasse e falhou, sofrendo assim os efeitos da iniciativa sirlo-egípcia. Surpresa inicial que marcará profundamente o desenvolver da guerra e muito particularmente sua primeira fase, assim como marcará a paz e o novo equilíbrio no Oriente Médio.

*"São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos e assim, com a força de tratar com pessoas honestas e virtuosas, se adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes, também a força de ler os livros se aprende a doutrina que lhes ensinam. Forma-se o espírito, nutre-se a alma com bons pensamentos e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não há nada que se o compare e só o sabe avaliar quem chegar a ter a fortuna de o possuir."*

PADRE A. VIEIRA